



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

A construção discursiva textual dos jornais paulistas na Copa do Mundo de Futebol de 2006¹

José Carlos Marques – coordenador²

Sabrina Rodrigues Machado – autor-apresentador³

Vivian Prestes Wolff – autor-apresentador⁴

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

A partir de conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, a mesa pretende analisar o discurso textual de três jornais brasileiros (O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo) ao longo da cobertura da Copa do Mundo de futebol de 2006, disputada na Alemanha. O objetivo do debate é: 1) verificar como a imprensa brasileira opera os níveis de recorte e reconstrução do fato esportivo durante o principal evento futebolístico do planeta; 2) quais as peculiaridades desse processo discursivo na produção de textos publicados nos jornais selecionados; 3) quais as peculiaridades desse processo na elaboração do projeto gráfico dos respectivos cadernos esportivos.

Palavras-chave

Futebol; jornal impresso; Copa do Mundo; análise do discurso

Proposta da Mesa

A Análise do Discurso tem como uma de suas bases a produção de sentido, principalmente, por ela não apresentar um sentido a priori, mas estabelecido a partir da construção do discurso, através do contexto histórico-social.

Para tal, devemos analisar o alcance ideológico dos conteúdos e o conteúdo ideológico das formas. Usando como base a própria língua, ou seja, um sistema ideológico neutro mas que, ao ser organizado como linguagem, transforma-se em discurso, acaba gerando novas significações ao articular as idéias. Portanto, "as palavras só adquirem sentido dentro de uma formação discursiva" (Brandão, s/d).

¹ Mesa apresentada no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Graduado e licenciado em Letras (Português Francês) pela Universidade de São Paulo. Obteve o título de mestre em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorou-se em Ciências da Linguagem (Jornalismo) na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Participa desde 1997 dos Congressos Anuais da Intercom e é Coordenador do Núcleo de Pesquisa (NP) Comunicação Científica da entidade. É ainda docente do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Coordenador de Pesquisa do Centro de Comunicação e Letras da mesma instituição.

³ Graduanda em comunicação social: habilitação jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

⁴ Graduanda em comunicação social: habilitação jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie.



É nessa articulação que as novas frases retomam velhos e conhecidos discursos, sempre adquirindo diversas ações e significações, já que o novo "não está no que é dito, mas no acontecimento à sua volta" (Foucault, 1999). Assim, a linguagem, ao dar a produtividade de sentido, manipula a construção de uma referência, já que recorta fatos ocorridos e os transforma em discurso, sempre amparado no sujeito gerador da mensagem.

Gerador esse que atualiza a língua individualmente, para que o receptor consiga decodificar e criar uma nova significação, novamente atualizada sobre o fato recortado. Desse modo, o outro tem um papel fundamental como fonte de consciência da imagem do autor, sendo este mesmo um efeito de linguagem, como afirma Lacan, ao dizer que "a linguagem é a condição inconsciente e o inconsciente é o discurso do outro". Assim, o autor se mostra enunciado na realidade anunciada.

Mas a subjetividade e o inconsciente não entram tanto em pauta no trabalho em questão, pois o sujeito/autor é representado pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de São Paulo*, através do jornalista e da linha editorial que rege a empresa. Além de que a própria análise do discurso não se limita na problemática do sujeito, mas no sistema de representação dessa ideologia por trás da linguagem discursada. Sendo o sentido um produto histórico, ele depende, portanto, de uma memória discursiva, que se relacionará com uma bagagem cultural ancorada em outros discursos, num eterno desenvolvimento de um tema, sem começo nem fim.

Para que a comunicação se estabeleça, o autor espera que o leitor tenha o mesmo nível cultural e discursivo que ele, já que, caso contrário, o discurso passará a ser didático e não haverá troca, nem reciprocidade, quanto ao assunto em questão. "O que vemos é governado pelo modo como vemos e até determinado pelo lugar de onde vemos" (Holquist, 1990), assim, os discursos são repetidamente retomados sob novas ópticas e intenções que levam a outros significados, muitas vezes totalmente diferentes do originalmente pensado. Assim, explica-se a interdiscursividade através da comparação e citação. De modo que o sentido não passa de um efeito, e o recorte não passa de uma interpretação, que o leitor codificará para depois ser decodificado, desenvolvendo outros sentidos e interpretações.

Este trabalho visa analisar as manchetes do Caderno de Esporte d' *O Estado de S. Paulo* e da *Folha de S. Paulo*, acerca do rendimento da Seleção Brasileira de Futebol, na Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. Decodificaremos, através da análise de discurso, o sentido e a linguagem empregadas para noticiar os fatos recortados durante a



competição para, em seguida, codificá-los novamente, para novas interpretações, sejam concordantes, ou não, por parte dos receptores.

Análise dos jornais - cobertura da seleção brasileira

Sabrina Machado

As manchetes iniciais do jornal analisado têm como princípio básico o enaltecimento da seleção brasileira. No dia 9 de junho, início do Mundial, a capa do tem como manchete uma referência ao radialista Fiori Gigliotti: *‘Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo’*. Grandes apresentações eram esperadas nessa copa, especialmente da seleção brasileira, por isso que a palavra “espetáculo” engrandece a apresentação do evento. Segundo Michel Pêcheux, o sentido de uma palavra se altera de acordo com a formação discursiva a que pertence. Assim o espetáculo expresso nessa manchete é esperado belas atuações das seleções.

A manchete do dia 13/06 criou uma expectativa no leitor: *“É a hora da verdade”* – *“Maior favorito do Mundial, Brasil tem de provar essa condição hoje, na estréia contra a Croácia”*, a frase principal causa uma expectativa para o possível espetáculo. E a linha fina transmite a importância da partida e a da responsabilidade do Brasil ser a seleção favorita, principalmente nesse trecho: *“Brasil tem de provar essa condição hoje”*. Isto demonstra uma legitimação de uma ideologia e produção de sentido constituído pelo momento histórico do país.

A ideologia, a produção de sentido, através de símbolos é apresentada no Estadão, também quando ele faz referência aos jogadores: *“Quarteto de um mágico só: Kaká”*, a palavra magia, constantemente proferida, transporta em sua essência um significado, transmitido ao leitor. O título enaltecendo o jogador Kaká vai de encontro a foto apresentada na capa que destaca somente o jogador do Milan, mostrando a comemoração de seu gol.

A primeira quebra da perspectiva criada pelo jornal, antes da estréia, acontece devido a apresentação dos principais craques. *“Os Ronaldos decepcionam - Carente de inspiração, dupla não consegue mostrar o que sabe e frustra expectativa”*, o jornal enfatiza os termos: “decepcionam” e “frustram”, que são palavras de forte impacto, e demonstram a responsabilidade dos dois e a falta do retorno esperado por parte deles. A foto também realça o título, pois ela mostra Ronaldinho perdendo a bola para o jogador croata, e ainda, caindo. A utilização da queda do jogador carrega um significado que



alinha-se ao título, segundo Pêuchex é o recurso que o fundador utiliza: signos, marcas, traços, letras; para transmitir o discurso.

“*O quarteto mágico em xeque*”, a manchete do Estadão, mais uma vez emprega o imaginário em seu discurso. A linguagem do jogo, somada a da magia, sombreiam o adequado sentido, que é do teste final para os formadores desse quarteto, pois o título emite a opinião de que os jogadores em questão precisam se mover senão perdem a titularidade.

O estilo de frases de duplo sentido é bastante empregado nos jornais. Nos títulos: “*Ronaldo na balança*” e “*A gangorra de Ronaldo*”, fica claro que o emissor faz uma relação com o peso do jogador, além disso, a palavra gangorra está ilustrada de forma inclinada, assim o leitor está subordinado a essas interpretações. Para Michel Foucault o sujeito é impossibilitado de escapar dos símbolos.

O discurso jornalístico provoca diversos sentimentos em seu público, e a produção de sentido é desencadeada dessa forma, nas manchetes: “*Brasil caça-fantasmas - O jogo de hoje pode exorcizar a derrota de 1998, que continua a perseguir uma geração do nosso futebol*” e “*Ronaldo, pronto para exorcizar 98*”, palavras como “caça-fantasmas” e “exorcizar” destacam a importância cultural do futebol para o brasileiro, e impera um anseio por vingança da derrota de 98.

A eliminação da Seleção Brasileira desencadeou em manchetes como: “*Outra vez aos pés de Zidane*” e “*Ronaldinho decepciona o mundo do futebol*”, a primeira mostra a superioridade do jogador francês, pois mais uma vez, viu a seleção favorita cair diante de seus pés, expressão que implica uma simbologia de superioridade. A segunda engrandece a derrota brasileira, culpando o jogador de quem mais se esperava resultado e antes endeusado pelo próprio jornal, que esperava uma excelente atuação do jogador, como no título que questionava: “*Um dia de melhor do mundo? - Ronaldinho deve começar e o jogo de hoje favorece sua criatividade*”.

Assim, ao decorrer dos jogos, ocorreram algumas mutações no discurso do Jornal O Estado de São Paulo, a expectativa com o possível espetáculo foi frustrada de acordo com as apresentações da seleção. Portanto, os possíveis pontos fracos, como o caso dos defensores, muito criticados antes da Copa, entretanto com o proceder das partidas, tornou-se exaltada. Um exemplo disto incidiu na manchete após o jogo de estreia: “*Desta vez, os elogios são para a defesa*”, pressupondo que não é sempre que isto ocorre.

“*Super, master, hiper, ultra, maxi, power, mega favorito*”. É com essa manchete que o jornal Folha de S. Paulo abre seu caderno de esportes, no dia 13/06/2006, data de estréia da seleção brasileira. Os adjetivos demonstram mais do que o favoritismo, eles refletem a confiança da imprensa na seleção. Além disso, os termos de superioridade são remetidos em heróis, como por exemplo, Superman e Ultraman.

A manchete de estréia da Copa anuncia a tendência do jornal: “*Futebol! – Com o Brasil favorito como nunca, começa a Copa mais global da história*” (09/06). A expressão: “como nunca” reforça o sentido de favoritismo, essa ênfase torna-se relevante, pois o Brasil muitas vezes vai a Copa como um dos favoritos, mas dessa vez, segundo a manchete, é diferente das outras, ela é muito mais do que favorita.

Esse prenúncio da vitória do Brasil vai se desmanchando de acordo com as suas apresentações nas partidas. A partir do primeiro jogo, as críticas aparecem: “*Um a menos – Com Ronaldo nulo em campo, Brasil bate 1º adversário e alcança recorde de vitórias consecutivas em Mundiais*” (14/06), apesar de criticar apenas o Ronaldo, e ainda, ressaltar a vitória da seleção, o discurso do jornal apresenta uma transformação, pois a mesma seleção “*super, hiper, mega, etc*”, frustrou a expectativa, pois o jogador símbolo do pentacampeonato não comprovou a superioridade depositada na seleção.

Portanto, a estréia a quem das expectativas dos jornalistas, alterou o discurso da Folha de S. Paulo, na segunda partida a manchete é mais cautelosa, porém não abandona o caráter de questionamento: “*Espetáculo versus resultado divide atletas da seleção*” (17/06). Essa fusão apresentada no título, não é apenas entre os jogadores, pois a própria imprensa começa a duvidar dos possíveis espetáculos da seleção.

Diante da mudança do prognóstico, o discurso do jornal tende a procurar novas formas de enaltecer os jogadores: “*Quem diria – que o atacante seria a preocupação e a defesa, o ponto forte*” (18/06), mais uma vez, apresentando a surpresa como fonte de anúncio do sentido. Dessa forma, a característica se transforma, de acordo com a nova situação. “Só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação - reestruturação dessas redes e trajetórias”, (GREGOLIN 2001).

Da preocupação à decepção. Assim podem ser definidas as manchetes que anunciavam a classificação do Brasil: “*Sem magia o Brasil vence e se classifica*” e “*Ilusão de Óptica*” (19/06). A primeira expressa a simplicidade do ato de se classificar, pois isso, era mais do que certo, ela demonstra decepção pela falta de magia, esperada por todos. Palavra que se enquadra na análise do discurso, pois segundo Saussure ‘O

significante e o significado são as duas faces do signo”, assim *magia* é um signo que emite seu significado a partir de um significante.

O segundo título relata a relação entre discurso e realidade, pois a produção se dá, diante da construção da realidade, tanto histórica quanto cultural. O termo “*ilusão de óptica*” é aplicado para reproduzir o ceticismo da imprensa, em desacreditar na seleção brasileira, após as péssimas atuações. A foto distorcida na capa enfatiza a situação paradoxal, que é apresentada nos seguintes contrastes: “*seleção passa nas oitavas x ataque é o pior desde 90; aproveitamento é 100% x esquema não emplaca; Ronaldo melhora x Ronaldo passa em branco; defesa não é vazada x Dida é bombardeado; time pode poupar atletas x time ainda busca ritmo*”. Ou seja, o questionamento é o ápice das divulgações do jornal, assim o leitor confunde-se com o discurso, pois ao mesmo tempo em que, expressa alguma melhora da seleção e manifesta a desconfiança de não ser verdade essa mudança.

No último jogo da primeira fase, o técnico Carlos Alberto Parreira, modificou o time. Essa partida foi responsável pela manchete mais otimista da Folha de S. Paulo, em relação à seleção brasileira: “*Show de calouros – Com time nunca testado, cheio de reservas, Brasil muda de cara, goleia e revê Ronaldo artilheiro*” (23/06). A tendência desta vez é a de elogiar os jogadores mais novos, “*show de calouros*”, remete a um programa de TV, apresentado por Silvio Santos. Assim o discurso transcende ao significado da palavra e vai até a produção de sentido, causada pela memória cultural do leitor.

Ao decorrer de suas edições, o jornal confirma uma característica de não citar o nome do adversário do Brasil. Contra Gana, nas oitavas de final, não foi diferente: “*Acredite se quiser – Sob vaias e criticado até por Parreira, Brasil vence e se classifica para a revanche contra uma França renascida*” (28/06). Porém, agora o discurso apresenta um adversário que faz jus a uma citação.

Os relatos reforçam a tese da não evolução do Brasil, e do renascimento da seleção francesa. A manchete antes da partida deixa a seleção brasileira em uma espécie de teste final: “*Agora ou nunca – Com time mudado, Brasil joga chance única de revanche e de evitar que a França se torne maior algoz*” (01/07). Mais uma vez, a seleção é situada em uma posição de oportunidade ímpar. As palavras “*revanche*” e “*algoz*” enfatizam o discurso, lembrando uma situação adversa no passado, que pode ser revertida, porém o “*maior*” adjetivando o algoz expressa a responsabilidade do



Brasil de não deixar que isso ocorra. Assim, literalmente o discurso revela a pressão em torno da seleção brasileira, principalmente pelo seu início “*Agora ou nunca*”.

Um recurso muito utilizado pelos jornais é o de repetição das palavras, quando querem reforçar o assunto, ou simplesmente, salientar a idéia principal. A manchete da eliminação brasileira fez da palavra “*sem*”, o principal destaque: “*Sem mágica, sem fôlego, sem tática, sem craque, sem time, sem raça, sem hexa, sem desculpa – Megafavorita ao título no início da Copa, seleção tem atuação desastrosa, perde para a França pela terceira vez num Mundial, desperdiça chance única de revanche e é eliminada nas quartas-de-final*” (02/07). Retornando a nomeação inicial, Megafavorita, o título ilustra a desilusão causada pela seleção, também ressalta a ausência das características almejadas pela imprensa, antes do Mundial começar.

Portanto, a mutação do discurso, encontrada no jornal Folha de S. Paulo, é visível ao compararmos o título inicial, em que enumerava elogios para o Brasil, e o último que utilizou um desses elogios para hostilizar a participação brasileira na Copa do Mundo. O discurso foi se transformando, revelando caminhos diferentes para traduzir a realidade, mesmo que por vezes, utilizando signos, metáforas e artifícios de linguagem.

Análise dos jornais - cobertura da seleção portuguesa

Vivian Prestes

Complementando o estudo, analisamos também as principais manchetes da seleção portuguesa. O motivo da escolha de Portugal mediante análise comparativa entre as manchetes sobre a equipe brasileira se deu pelo técnico Luiz Felipe Scolari.

No início da competição, Portugal não tinha tanto destaque na cobertura midiática, até pela falta de tradição na Copa do Mundo (participante, apenas, de quatro delas: a de 1966, 1986, 2002 e 2006) e o baixo rendimento em suas poucas aparições (3º lugar em 66 e desclassificada na 1ª fase nas de 86 e 2002).

O time sem tradição e sem identidade recebia destaque mais pelo seu técnico do que pelos jogadores em si, mesmo contando com nome como Figo, Deco, Pauleta e o recém-chegado Cristiano Ronaldo.

Dos 61 títulos referentes a Portugal, Felipão é a personagem principal de 36 deles, ora sobre sua metodologia empregada (“Psicólogo Felipão arranca risos e deixa a seleção bastante motivada”), ora sobre o retorno à sua descendência (“Felipão reforça a



torcida da Itália - Técnico apela para suas origens, mas está com a França engasgada"), ora sobre seus hábitos e rituais ("A vida do novo Rei de Portugal - Quando não está treinando a seleção, Luiz Felipe Scolari ocupa com caminhadas e missas dominicais em Cascais"), além de seu temperamento e entrevistas ("Felipão fala. E esbanja bom humor").

Outra característica observada é a própria indecisão no momento de definir Scolari, como vemos nas manchetes a seguir: 14/06 "Portugal de Felipão é assim: faz 1 a 0 e se fecha com 3 volantes - Técnico brasileiro não quer correr riscos durante a Copa e tem plena confiança em Costinha, Petit e Maniche"; (Assim, Portugal - seleção - é do técnico brasileiro, ou melhor: o técnico brasileiro de Portugal, dono do time) 15/06 "O Felipão zagueiro - Técnico de Portugal esbanja saúde"; 05/07 "Portugal x França - Time de Felipão tenta um lugar na história"; 05/07; "Dia de Portugal fazer história - Seleção de Felipão enfrenta a França em Munique e, se vencer, já garante a melhor colocação em Mundiais".

O destaque dado a Scolari, portanto, é óbvio, como demonstra, mais ainda, a manchete a seguir: 18/06 "Felipão faz história com seleção de Portugal - Depois de 40 anos, o país volta a se classificar para as oitavas", que acabou virando até amuleto de sorte para a torcida (antes descrente) portuguesa (27/06 "Felipão, o talismã de Portugal - Tudo de bom que acontece durante os jogos da seleção é atribuído pelo povo português ao técnico brasileiro").

Desse modo, o time que começou a competição sem identidade, passou a adquirir características e valores de seu técnico, principalmente após ganhar os três jogos da 1ª fase (Angola 0x1 Portugal, Portugal 2x0 Irã, Portugal 2x1 México), vencer a Holanda por 1 a 0 nas oitavas-de-final, a Inglaterra nos pênaltis depois de um empate em 0 a 0 e jogar as semifinais contra a França (desclassificada por 1 a 0), disputando e perdendo, por 3 a 1, o 3º lugar para a Alemanha, terminando a Copa em 4º. Um fato inédito, só superado na Copa de 66.

O time, então, passou a ser sinônimo de "vibração", valentia, "raça e força", como analisamos em: 26/06 "Valentes Portugueses! - Exibição de raça e força marca a passagem da seleção para as quartas em duelo emocionante com a Holanda" seguida, na mesma página por: "Eletrizante, nervosa, na raça. À la Felipão".

É evidente, portanto, através da cobertura do jornal em questão que, para a opinião da mídia passada e formadora da do público, Felipão criou Portugal (à sua imagem e semelhança), transferindo valores e fortificando o time que, apesar da



descrença, terminou como o 4º melhor do mundo na competição. Entretanto, nas páginas dos cadernos publicados ao fim da Copa, a seleção descaracterizada e simbolizada apenas por seu técnico, já ganha destaque por si só nas manchetes: 10/07 "Um mês de heróis, vilões e recordes - A Copa viu boas defesas, ataques pífiros, o rápido adeus de Argentina e Brasil, a vibração portuguesa, a fibra da Itália..."

Tanto que no exemplo acima nem foi citado Felipão, já que a imagem de Portugal já havia conseguido ser construída e descolada.

Podemos concluir, assim, com relação à seleção portuguesa que sua imagem foi sendo moldada ao longo da competição, através de rendimentos históricos e destaque mundial. O 4º lugar foi mais do que uma mera posição no ranking, foi, na verdade, uma definição à sua personalidade, tanto para si, como para o mundo.

Objeto de 35 matérias, a seleção portuguesa, durante a Copa de 2006, teve como principal personagem o técnico Luiz Felipe Scolari (28 manchetes).

O time, que aparece descaracterizado como seleção, é explicitamente moldado (através da cobertura da mídia) pela personalidade de Scolari, como podemos ver no título de uma das primeiras matérias sobre os portugueses, no início da competição: "*Pátria Scolari*", *Portugal pega Angola - Lusitanos aprendem a torcer à brasileira com treinador e enfrentam seleção de país que foi sua colônia por 400 anos* (11/06/06). Ou seja, O Scolari como "pátria" toma o lugar de gerador, um ar materno de criação e preparação de um grupo que representará o país nos próximos jogos, ensinando, inclusive, à própria torcida como torcer e acreditar em si mesma. Tanto que no primeiro parágrafo da matéria, o jornal afirma que os portugueses viram e testam a sua própria seleção ao ser reinventada pelo técnico estrangeiro.

Já a mídia credita todas as vitórias e a conquista da quarta posição na competição (fato só alcançado em 1966, ano em que a seleção alcançara a terceira colocação), como é evidenciado nas seguintes manchetes: *Com Portugal, Scolari preserva sina de vitórias - Técnico gaúcho supera recorde de 68 anos ao ganhar o 8º jogo seguido em Copas* (12/06); *Scolari e Figo viabilizam feito - Gols após jogadas do capitão levam Portugal a seu primeiro mata-mata de Mundial em 40 anos* (18/06). Desse modo, o crédito de Scolari é tão forte que as vitórias deixam de pertencer ao time ou ao país ali representado e passam a ser de posse do treinador: *Reservas dão a Scolari décima vitória - Recorde de triunfos em Copas, que pertence ao treinador é ampliado com meio time trocado ante mexicanos* (22/06), assim, o destaque não é lusitano, mas de um brasileiro que está na competição para bater recordes, ao analisar as publicações



vemos que, para o jornal, as vitórias são perseguidas pelo brasileiro e não pelo povo simbolizado por seus jogadores que são os verdadeiros personagens atuantes do espetáculo de 90 minutos. A estrela e alvo da mídia é Luiz Felipe.

Além disso, há o peso de que Scolari é brasileiro, o *gaúcho de Portugal*, como representa a primeira capa de 12 de junho: *É do Brasil! Scolari alcança 8ª vitória em Copas e bate recorde de 68 anos*. Ou seja, a vitória foi da seleção portuguesa *é do Brasil!*, como se, metaforicamente falando, Portugal fosse uma colônia do Brasil, com um time criado e treinado por um brasileiro, personagem principal de todos os recordes dirigidos à nossa pátria.

A comparação também se faz presente entre o técnico de Portugal e do Brasil, Carlos Alberto Parreira, acerca da maneira que cada um tem de treinar e elaborar o melhor esquema tático para maiores vitórias: *Segredos de família - Enquanto Scolari se assume como paizão do time português, Parreira minimiza o papel da harmonia com a equipe brasileira (22/06)*, assim, a mídia faz questão de diferenciar bem as características deles para uma melhor comparação entre o papel que cada um desempenha dentro de suas equipes.

Comparasse, também, o modo como Scolari comandava a seleção canarinho e como administra a lusitana: *A arte da guerra - No comando de Portugal, Scolari derrota Holanda em batalha com 16 cartões amarelos e 4 vermelhos, faz história ao levar o time às quartas-de-final e exalta experiência na Libertadores (26/06)*. O título faz alusão a 3 assuntos distintos: primeiro, sobre a vitória em cima da seleção holandês, jogo em que 2 jogadores de cada time foram expulsos e uma verdadeira guerra se instaurou após cabeçada de Figo em Van Bommel, carrinhos violentos por parte do Deco e chutes e cotoveladas dos seus adversários; segundo, à experiência de Scolari em jogos fortes e "pegados", disputados por ele, anteriormente, na Copa Libertadores da América de 1995 e, por último, ao fato de que a "arte da guerra" é um conhecido livro do chinês Sun Tzu que fora usado, por Scolari, como motivador da seleção brasileira na Copa de 2002, ano que o Brasil foi pentacampeão. Assim, a arte da guerra física que resultou em punições do árbitro, foi também motivadora para que a seleção portuguesa ganhasse e passasse das oitavas-de-final.

Dessa maneira, aos poucos, a seleção portuguesa criou sua própria identidade (à imagem e semelhança de seu treinador), a ponto de descaracterizar o adversário, como em: *Garra scolariana supera frieza laranja (26/06)*, ou seja, a seleção holandesa é apenas uma cor, apesar de conceitadamente ser quente, fria e derrotada.



Além da ligação com Portugal, o técnico também vira padrão para outras comparações, como por exemplo, com o assistente do técnico da Inglaterra: *"Scolari de Yorkshire" tenta se firmar na Inglaterra - Futuro técnico da seleção, assistente McClaren ofusca o atual treinador, Ersson, e ajuda a comandar o time com estilo que inclui berros à beira do campo* (28/06), desse modo, a personalidade de Luiz Felipe é tão marcante que o fato de berrar à beira do campo já remete a uma comparação automática de estilos e garra.

Assim, quando a manchete relativa ao jogo disputado nas quartas-de-final, *Luxo francês encara genérico português* (05/07) aparece é para evidenciar que o time sem personalidade própria está se destacando e, apesar de não contar com uma equipe formada inteiramente por grandes craques, consegue disputar com igualdade perante outro time mais tradicional.

Após ser o jogo contra a França, a derrota acabou por pesar, de novo, sobre os ombros de Scolari: *O dia - Zinedine Zidane marca o gol da vitória, conduz sua seleção à final, impõem a primeira derrota a Luiz Felipe Scolari e se confirma como algoz de treinadores brasileiros em Mundiais* (06/07), portanto, antes da derrota de Portugal, houve a derrota de mais um brasileiro frente Zidane (com referência à Copa de 1998, em que a França ganhou a final contra o Brasil).

Mas nem por isso a seleção portuguesa foi menosprezada, já que conseguiram fato que não se repetia desde 1966, além de ter sido elogiada pela própria França, que afirmou ter tido um jogo bem mais acirrado do que fora o anterior contra a seleção brasileira, que acabou desclassificando o Brasil nas oitavas-de-final. A alusão se faz presente, em mais uma comparação com nossa seleção, em: *Portugal e Ronaldo jogaram mais que Brasil e xarás* (06/07), sendo que o Ronaldo destacado é o português Cristiano e não o Gaúcho ou o Fenômeno, antes referência e agora taxados, apenas, como "xarás", já que Cristiano mostrou um futebol bem mais aguerrido e superior do que o demonstrado nos jogos de nossa seleção. O nome de Portugal para simbolizar a superioridade na competição, rebaixando o Brasil por sua má atuação e resultados muito aquém às expectativas.

Orgulhoso, Scolari não se cansa de agradecer - Um dia após cair diante da França, técnico de Portugal não quer tristeza (07/07), depois do jogo contra a anfitriã Alemenha, a seleção encerrou a Copa em quarto lugar, com um ritmo e reconhecimento altíssimo, ganhando as páginas, antes descrentes, como uma seleção que moldou sua imagem ao longo dos jogos, mas nem por isso terminou descaracteriza, melhor do que



outras que parecem ter perdido sua personalidade, terminando a competição, irreconhecíveis e derrotadas moralmente.

A *Folha de S. Paulo* começou a dar noticiabilidade à seleção portuguesa principalmente depois de terem chegado às quartas-de-final, sendo marcada, até então, apenas por notas de canto de página ou fotos dos craques, como Figo e o próprio Felipão. A maneira de fazer com que o recorte ganhasse reconhecimento do público foi a constante referência ao técnico brasileiro, o que pode ter cooperado para a demora na criação de uma imagem própria do time na mídia, já que o leitor se acostumou a ver as personalidades de Scolari nas cores verde e grená; porém, aos poucos, Portugal foi se concretizando, em parte pelas vitórias e pela desclassificação do Brasil, restando à maioria dos brasileiros torcer pelo seu antigo técnico, fazendo com que a equipe fosse sendo, cuidadosamente, conhecida e reconhecida por si só.

Referências bibliográficas

Brandão, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7ª ed., Campinas (SP), Editora da Unicamp, s/d.

Pinto, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo, Hacker Editores, 1999.

Pêcheux, M. “Análise automática do discurso”, (1969), in GADET, F. & HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 1990.

Gregolin, Maria do Rosário e Baronas, Roberto (org.). *Análise do discurso: as materialidades do discurso*. São Carlos (SP), Claraluz, 2001.

Indurski, Freda e Ferreira, Maria Cristina Leandro (org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre, Sagra Luzzato, 1999.

O Estado S. Paulo, cadernos Esporte (09/06/2006 à 10/07/2007)

Folha de S. Paulo, cadernos Esporte (09/06/2006 à 10/07/2007)